

Curso de Educação a Distância

Licenciatura em Ciências Sociais

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Conteúdo Programático





Ministério
da Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Aloisio Mercadante

Presidente da Capes

Jorge Almeida Guimaraes



Universidade Federal de Alagoas

Reitor

Eurico de Barros Lobo Filho

Vice-Reitor

Rachel Rocha de Almeida Barros

Coordenador UAB/CIED

Luis Paulo Leopoldo Mercado

Coordenador Adjunto UAB/CIED

Fernando Silvio Cavalcante Pimentel

Coordenação de Projetos e Fomentos/CIED

Mylena Araujo

Coordenadora do Núcleo de Formação/CIED

Lilian Carmen Lima dos Santos

Coordenação de Tutoria/CIED

Rosana Saria de Araujo

Coordenador do Núcleo de Comunicação e Produção de Materiais Didáticos/CIED

Guilmer Brito

Responsável pelos Projetos de Design Gráfico/CIED

Raphael Pereira Fernandes de Araújo

Projeto Gráfico

Luiz Marcos Resende Júnior

Diagramação e Finalização

Lucas Gerônimo Villar

Sociologia da Religião

Disciplina 4

Professor:

Amaro Xavier Braga Junior

Revisão ortográfica:

Prof. Wilson Bomfim

Coordenação de curso:

Luciana Santana

Coordenação de tutoria:

Júlio Cezar Gaudêncio Silva

Supervisão Teórica:

Luciana Santana

Revisão de Conteúdo:

Evaldo Mendes da Silva/ Luciana Santana

D9

APRESENTAÇÃO DO PROFESSOR

Olá! Eu me chamo Amaro Braga e sou professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas.

Fiz o Bacharelado e a Licenciatura em Ciências Sociais, o Mestrado e o Doutorado em Sociologia, todos pela Universidade Federal de Pernambuco. Também cursei algumas Especializações (pós-graduações lato sensu) em História da Arte e das Religiões (UFRPE), Artes Visuais (SENAC) e Gestão de Educação a Distância (UCB/ Escola do Exército) e Gestão de Instituições de Ensino Superior (FMN).

Tenho doze anos de experiência docente na Educação de Nível Superior Presencial e quatro anos de experiência atuando no ensino à distância. Atuei como tutor a distância por dois anos consecutivos na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, pioneira no país na oferta de graduações em EAD, atuando nas licenciaturas à distância em Ciências da Religião e Filosofia. E como Professor Conteudista na Universidade Federal de Alagoas no curso de Licenciatura à Distância em Ciências Sociais, ministrando as disciplinas Organização do Trabalho Acadêmico, Projetos Integradores 1 e Projetos Integradores 2.

Carta do professor ao aluno:

Bem vindos à disciplina **Sociologia da Religião**, ofertada pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com parte do curso de Licenciatura em Ciências Sociais – EAD..

Nesta disciplina veremos como discutir o fenômeno religioso por vias de uma perspectiva sociológica.

PLANO DA DISCIPLINA

Curso: Ciências Sociais

Disciplina: Sociologia da Religião

Carga horária: 40 horas, sendo 10 horas em regime presencial e 30 horas a distância

Professor: Amaro Xavier Braga Junior

Ementa da Disciplina:

O fenômeno religioso. Diversidade religiosa. Teorias sobre a religião. Intolerância religiosa.

Objetivos:

Objetivo Geral

Orientar o aluno na discussão e debate sobre o fenômeno religioso, as teorias sociológicas que explicam a relação entre indivíduo e instituição religiosa e as formas de combate à intolerância.

Objetivos Específicos

- Definir o fenômeno Religioso;
- Compreender como se estrutura a relação entre indivíduo e instituições religiosas
- Compreender como se estrutura a relação entre indivíduo e instituições religiosas;
- Apresentar teorias sociológicas elementares sobre a religião;
- Discutir o problema da intolerância religiosa

Metodologia de ensino:

Atividades Presenciais e a Distância, síncronas e assíncronas. Envolvendo: leitura e análise de textos, vídeos, imagens e documentos. Produção textual com trabalhos de pesquisa e participação de fóruns de discussão. Utilização do ambiente virtual de aprendizagem Moodle, e seus recursos múltiplos. Postagem de atividades e exercícios de aprendizagem.

Conteúdo e Planejamento das Unidades

Primeiro Momento Presencial

Apresentação da disciplina, do professor responsável e dos tutores que acompanharão a turma, apresentação do Plano de Trabalho da Disciplina e sistemas de avaliação, dinâmica de Interação.

Unidade 1: O que são as Religiões

- Como se define uma prática religiosa?

Unidade 2: Religião, Indivíduo e Sociedade

- Como as religiões condicionam as práticas dos indivíduos?

Unidade 3: Teorias Sociológicas sobre a Religião

- Elementos sociológicos de um fenômeno Religioso

- A Economia e o sistema de Organização

Unidade 4: Religiões e Problemas Sociais

- Intolerância Religiosa e suas formas de combate

Segundo Momento Presencial

Avaliação Presencial e dinâmica de conclusão da disciplina.

Avaliação:

Avaliação Processual de dois tipos: formativa e somativa. A do tipo formativa será realizada durante as quatro semanas do curso com vistas à verificação dos objetivos e de cada etapa de aprendizagem e eventuais adaptações, caso seja necessário.

A avaliação somativa ocorrerá pela pontuação particionada de todas as atividades desenvolvidas, sofrendo alterações de acordo com o cumprimento dos prazos na participação em fóruns, postagens, produções de texto, realização de exercícios e questionários, todo desenvolvidos no AVA do Moodle. As atividades avaliativas podem levar em consideração outros trabalhos produzidos ou solicitados em outras disciplinas. No fim, realizaremos uma Avaliação Presencial, final e escrita, com questões objetivas e subjetivas.

UNIDADE 1:

1. O QUE É UMA RELIGIÃO?

Se há uma coisa que pessoas religiosas e pesquisadores dos fenômenos religiosos concordam é que as Religiões são algo extremamente importante. As religiões organizam uma dimensão muito impactante na vida dos indivíduos, religiosos ou não: elas lhes propiciam o sentido de suas vidas, suas práticas e todas as dimensões da vida social: falar, vestir, comer, se expressar, se relacionar, etc.

Se há uma coisa que as pessoas religiosas e os pesquisadores dos fenômenos religiosos não concordam, totalmente, é o que define uma religião. Para os religiosos aquilo que define uma religião é, na grande maioria das vezes, definido a partir daquilo que o grupo se estrutura ou valora. Isto é, sua definição toma como base a própria essência do grupo. Os pesquisadores do fenômeno religioso costuma avaliar as congruências do discurso dos religiosos sobre si e confrontá-los sobre suas práticas; procura-se identificar sistemas regulares ou comuns à maioria das religiões.

Às vezes, o discurso do analista do fenômeno religioso coincide com o do próprio grupo sobre si, outras vezes não. É preciso levar em consideração que, assim como entre os adeptos e as religiões muitas vezes, não há consenso, também entre os campos da pesquisa não há consenso.

Uma sociologia da religião e uma antropologia da religião possuem perspectivas diferenciadas, por mais que compartilhem teorias e métodos em comum; assim como ocorre na chamada Ciência das Religiões ou na Religião Comparada, áreas autônomas da pesquisa sobre religião que se usam das abordagens sócio antropológicas das religiões, mas possuem perspectivas e objetivos diferenciados.

Feito estes esclarecimentos, caminhemos para entender a dimensão de significados que envolvem as Religiões. Nesta altura vocês já devem ter notado que não usamos o termo “religião” no singular (como agora!), mas no plural. Nestes estudos sobre as religiosidades é a dimensão plural que interessa, a dimensão do coletivo, a dimensão que afeta a sociedade. e a sociedade não é representada por uma única religião e nem muito menos, é possível reduzir toda a complexidade da religiosidade a uma religião específica. E é isso que Religião é: uma instituição social.

1.1. Definições sobre a Religião

Para a análise sociológica é muito importante compreender a dimensão do universo pesquisador e a gama complexa de sentidos que envolvem o objeto. Não é diferente com a sociologia. O cientista social Peter Berger (2003), em um clássico no campo da sociologia da religião, chamado “O Dossel Sagrado” alerta:

Definições não podem ser, por sua própria natureza, ‘verdadeiras’ ou ‘falsas’; podem apenas ser mais ou menos úteis. Por esta razão, não tem muito sentido discutir em torno de definições. porém, caso haja discrepância entre definições num dado campo, tem sentido discutir suas respectivas utilidades. (BERGER, 2003, p. 181).

Assim ocorre com a noção em torno do verbete “Religião”. Como apresentei no tópico anterior, há discrepâncias entre o que as ciências dizem sobre as religiões e o que os próprios religiosos dizem sobre si. E mesmo entre as diversas ciências que estudam as religiões não há nada em absoluto, salvo a ideia de que são importantes e a necessidade de estudá-las e compreendê-las.

A palavra Religião tem origem no latim *Religare*. Aquilo que une as pessoas em torno de algo em comum, profundamente relacionado à crença e às práticas do grupo. A religião é uma dimensão pelo qual as pessoas se associam e estabelecem um padrão mínimo de consenso em torno de diversos aspectos sociais que lhes permitem estabelecer relações de solidariedade que se baseiam numa ética que toma como base a crença do grupo.

Apesar desta construção que toma como base uma dimensão linguística e social, dependendo da abordagem teórica que o cientista social se filie, suas perspectivas em torno da própria definição do que é uma Religião e como analisá-la sofrem modificações amplas. Vejamos algumas posições a seguir.

Em Max Weber (2000), uma definição do que é a religião não pode existir *a priori*, isto é, antes de conhecer e compreender o fenômeno religioso dado. Para Weber só se define religião depois de compreendê-la, e para compreendê-la é necessário chegar no fim de um estudo sobre ela.

O que Weber aponta é um *modus operandi* de se estudar a religiosidade institucionalizada, apontando para aspectos em torno da organização social e burocrática (mostrarei sua abordagem nos capítulos vindouros).

Para Emile Durkheim (1996) as definições não são tão importantes pois compreender a religião é identificar suas funcionalidades sociais e, tendo em vista, que a religião é um fato social, basta para tanto definir fato social e não religião, propriamente. E não se trata de definir mais identificar seus elementos constituintes e, principalmente, para este autor, como isto está associado à uma dicotomia entre o sagrado e o profano. Mesmo assim, este sociólogo assim define religião:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, ou seja, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os aderentes (DURKHEIM, 1996, p.59)



Saiba Mais

O fenômeno religioso desperta múltiplas opiniões. Algumas a favor e outras contras. Ora a religião é vista como um agente integrador, ora como um sistema de discriminação que precisa ser combatido.

Acesse e Reflita sobre cada uma das notícias abaixo e se posiciona apontando se concorda ou não com os argumentos listados nas materiais e argumente sobre os pontos que discorda.

UOL notícias Ciência e Saúde

ÚLTIMAS - CIÊNCIA E SAÚDE - ECONOMIA - INTER - JORNAL - POLÍTICA - UOL CONFERE - TI

Ter uma religião ajuda a reduzir a ansiedade e melhora a imunidade

Cristina Almeida
Especial para o UOL Ciência e Saúde - 22/09/2010 - 12h18



🔊 Ouvir texto 🖨️ Imprimir 🔄 Converter URL

<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2010/09/22/ter-uma-religiao-ajuda-a-reduzir-a-ansiedade-e-melhora-a-imunidade.htm>

10 formas pelas quais a religião ajuda no sucesso de seu filho

Você pode não ter considerado estas formas surpreendentes pelas quais a religião está ajudando seus filhos a se tornar adultos bem-sucedidos.



<https://familia.com.br/8131/10-formas-pelas-quais-a-religiao-ajuda-no-sucesso-de-seu-filho>

22/08/2012 10h08 - Atualizado em 22/08/2012 12h26

'Religião separa as pessoas mais do que as une', diz diretor de 'A tentação'

Matthew Chapman escreve e dirige longa sobre fundamentalista religioso. Ele também comenta seu próximo trabalho, ao lado de Glória Pires.

<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2012/08/religiao-separa-pessoas-mais-do-que-une-diz-diretor-de-tentacao.html>

Que fé é esta que separa as pessoas em vez de uni-las?

novembro 26, 2011

<http://www.paulopes.com.br/2011/11/que-fe-e-esta-que-separa-as-pessoas-em.html>



Modus operandi (plural: modi **operandi**) é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo sempre os mesmos procedimentos.

MODUS OPERANDI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Modus_operandi&oldid=48204113>. Acesso em: 8 dez. 2016.

O que deve ficar evidente e claro para quem estuda uma sociologia da religião é que esta não defende pressupostos absolutos e nem se identifica com perspectivas teológicas, pois se reduz o fenômeno religioso à um fenômeno social, por excelência, e como tal, suscetível a uma série de processos que modificam e ressignificam suas essências, caracterizando sua diversidade entre as sociedades.

Sabemos que, tecnicamente, as religiões se estruturam em torno das crenças, dos rituais e dos vínculos que se estabelecem com o sobrenatural, condicionando as ações dos indivíduos e suas visões de mundo. Entretanto, as religiões se apresentam ao público por vias de uma dimensão material muito diversificada.

Segundo Berger (2003) as religiões tanto orientam a percepção da construção das coisas no mundo, como sua manutenção. E quando me refiro as “coisas”, são, justamente, quaisquer elementos, materiais ou abstratos, que se desenvolvem em torno das ações dos indivíduos e suas práticas, lhes atribuindo sentido e existência.

São os aspectos da cultura, da fala, do que se come, do que se veste, de como deve ser o trato com as pessoas, os objetos e os animais. o que se deve fazer e quando deve ser feito. E se devemos ou não tomar consciência desta “realidade” por ela definida. As religiões podem ser instrumentos de controle e poder político (vide as teocracias que não só existiram na antiguidade mas ainda se apresentam na vida contemporânea), como orientar movimentos de ruptura e revolta ou até conflitos entre as nações com base em suas divergências teológicas ou incongruências éticas (que nos acometeram dos conflitos da antiguidade, passando pelas crises entre católicos e protestante e, mais recentemente, nas altercações que envolvem as práticas islâmicas ao redor do mundo ocidental).

É o que conclui Perter Berger:

Pode-se dizer, portanto, que a religião aparece na história quer como força que sustenta, quer como força que abala o mundo. Nestas duas manifestações, ela tem

sido tanto alienante quanto desalienante. É mais comum verificar-se o primeiro caso, devido a características intrínsecas da religião como tal, mas há exemplos importantes do segundo. (BERGER, 2003, p.112)

Por isso que na sociologia (e demais ciências sociais) se defende que a religiosidade é um aspecto universal permeado pela cultura. E todas elas garantem algum tipo de arguição e resposta para outro problema também universal: a finitude da existência humana ou a morte. Todas as religiões, em alguma medida, se preocupam em esclarecer para seus adeptos o problema da morte e o que ocorre depois dela (e se há algo).

É este sentimento que se estrutura em torno de uma crença. Os adeptos creem em algo que se estruturou como informação sobre o mundo vivido e o mundo sobrenatural, isto é, o mundo que está sobre o natural, o humano. É assim que se estrutura a fé, os mitos e os rituais. Veremos cada um deles a seguir.

EXERCICIO

Faça um levantamento de opiniões das pessoas sobre como elas definem “Religião”.

O levantamento pode ser no local de trabalho, na sala de aula, em um grupo no Whatsapp, etc.

Faça um quadro comparativo tentando associar as partes das respostas e seus conteúdos.

O importante é você anotar e comparar as respostas para tentar estabelecer relação entre elas e avaliar o quanto as pessoas se aproxima e se distanciam das noções sociológicas ou até dicionarescas aqui expostas.

UNIDADE 2:

2. RELIGIÃO, INDIVÍDUO E SOCIEDADE

2.1. As Religiões Constroem Espaços Sagrados

A religião possui espaços que criam dimensões pelo qual se separa o mundo comum, do dia-a-dia, das coisas mundanas, de outras que passam por um processo de purificação limpeza e sacralidade que desenvolvem uma dimensão que será chamada de sagrada.

Os templos sagrados podem ser de diversas formas constituído. Às vezes são espaços geograficamente circunscritos – terrenos considerados sagrados pela localização geográfica ou geológica de suas estruturas da natureza tais como rios, montanhas e cavernas; passando por estruturas que são especialmente construídas para tais fins, sem que se use o espaço para atividades cotidianas como são as chamadas igrejas e templos, ou quartos de concreto (pejis), mas também espaços que podem não comportar estruturas específicas, especialmente

construídas para tais fins, como são as estruturas modernas das encruzilhadas ou portões de entrada ou ainda, espaços que são temporariamente sacralizados pelo ato religioso, mas não devido à construção religiosa, como ocorre com os grupos que locam as salas comerciais em prédios empresariais ou no momento de constituição de um ritual que pode sacralizar um espaço comum qualquer para o ritual e, posteriormente à sua realização, perde sua dimensão sagrada.

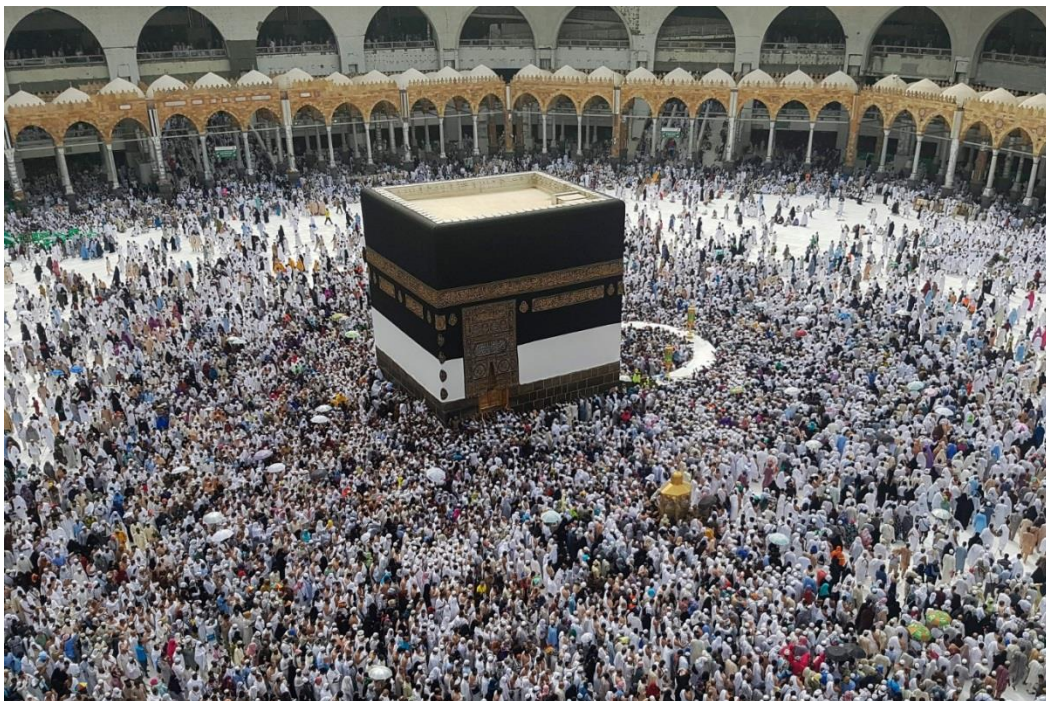


Fig. 1: O local sagrado pode ser um espaço físico bem delimitado geograficamente como é o caso da Kaaba na Grande Mesquita da Arábia Saudita. Espaço sagrado apenas reservado para os adeptos do islamismo. Pessoas do mundo todo viajam para o local sagrado, cuja obrigação deve ser cumprida pelo menos uma vez na vida.

Fonte: http://www.sbs.com.au/news/sites/sbs.com.au.news/files/hajj_2.jpg



Fig. 2: Já outros espaços sagrados são subjetivos: Nas práticas de Bruxaria New Age, o local sagrado é em qualquer lugar. Basta um perocedimetno ritual de abertura do círculo para sacralizar o espaço e torná-lo “sagrado”. Na imagem, um ritual na Tijuca no Rio de Janeiro. Foto: Guilherme Leporace / Agência O Globo. Fonte: <https://ogimg.infoglobo.com.br/in/16480893-445-9c4/FT1086A/420/2015061427463.jpg>



Fig. 3: Em outros momentos o espaço sagrado pode se deslocar e ser transtemporal. Na imagem um bispo da IURD – Igreja Universal do Reino de Deus orienta os fiéis que assistem ao programa para prepararem copos com água que devem ser colocados sobre os aparelhos de TV para receberem benção à distância (mediada pela TV). O Espaço sagrado neste caso tanto é lá no estúdio, quanto na casa do adepto ao mesmo tempo. Fonte: <https://2.bp.blogspot.com/-21hljyPPBXI/WGZnqGpT3OI/AAAAAAAAAMD/D84OewM8ldYU9B85WRQ7yp6CF5E2h0j9gCLcB/s1600/igreja-universal-programa%25C3%25A7%25C3%25A3o.png>

Em outros termos: o espaço sagrado pode ter ou não uma dimensão material. Pode ter ou não uma aparência específica; pode ter ou não uma durabilidade. Mas sempre haverá a constituição de um espaço sagrado no qual a prática religiosa se desenvolve. Isto é importante, pois é comum que se avaliem à qualidade de uma religião qualquer por suas estruturas visíveis (templos, na maioria das vezes). Mas há religiões que não há templos ou o “templo” é construído simbolicamente pelo indivíduo.

PARA SABER MAIS

O ESPAÇO SAGRADO

Pe.Dr. Rodson Ricardo

A relação entre espaço e religião tem sido objeto de interesse de diversas disciplinas acadêmicas como a história, a sociologia, a antropologia, a geografia, a arquitetura e a teologia. Tais estudos têm nos trabalhos de Rudolf Otto, Mircea Eliade e Peter Berger seus principais representantes. Estes autores enfatizam o papel do sagrado como um elemento fundamental na construção do espaço. Encontrando na separação entre o “sagrado” e o “profano” as origens das primeiras formas de demarcação territorial e nos antigos santuários as origens das cidades.

Todo espaço sagrado é uma “hierofania”, uma erupção do sagrado que tem por resultado destacar um território do meio cósmico envolvente e torná-lo qualitativamente diferente. É a noção de sagrado que transforma o “mundo” em “cosmos: espaço ordenado”. Por meio de seus rituais os homens afastam o “caos” e criam seu “ponto fixo” de onde passam a interpretar toda a paisagem.

Os rituais religiosos atualizam o sentido do mito e “presentificam” toda a força de sua hierofania original: “(...) espaço sagrado, consagrado por hierofanias, ou ritualmente construído, e não um espaço profano, homogêneo, geométrico... o que temos aqui é a geografia mítica sagrada, a única espécie efetivamente real, em posição à geografia profana, ‘objetiva’, de certa forma abstrata e não essencial” (ELIADE: 1991, p.35).

Há uma inter-relação entre religião, espaço e conhecimento, pois o ser humano: “enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa, distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, e coloca a vida numa ordem, datada de significado” (BERGER: 1984 p. 39).

Todas as religiões possuem seus lugares sagrados. Esses lugares demarcam o “centro do mundo” para elas e apontam para o seu mito ou fundador. Esses lugares especiais são “pontos de encontro entre o céu e a terra”. Dessa forma a arquitetura e o simbolismo desses espaços - igrejas, templos, terreiros etc - refletem as crenças centrais das religiões. O aspecto religioso é também o responsável por alguns das motivações principais das migrações: a fuga, a expulsão e a peregrinação. É também fonte do fenômeno das peregrinações nas religiões monoteístas.

“A sacralidade, hoje, começa a tornar-se uma linguagem incompreendida, distorcida. A relação do homem com o sagrado é mais imposta pelo próprio homem, segundo seus desejos e necessidades, do que pela escuta do sagrado.

Nota-se um panteísmo em que tudo, sobretudo as forças da natureza e o ocultismo, é entendido como se fosse Deus, e um hedonismo, porque o homem acha-se o centro e vive apenas para os prazeres imediatos.

Para o homem moderno, sobretudo para o homem não religioso, é difícil aceitar o mundo como algo além das aparências primeiras da evolução das cidades e das conquistas científicas. Para o cidadão atual, as funções vitais (alimentação, contemplação, sexualidade, trabalho) são meras funções fisiológicas, psicológicas e sociais e não estão carregadas de uma sacralidade.

Quando o homem do campo tira o chapéu e empurra levemente a água com as mãos antes de bebê-la, exerce uma atitude sábia ao pedir licença para a água. Sabe que não é o centro do mundo, mas participa dele por uma concessão, por uma graça (gratuita) sem a qual não haveria vida.

Em todas as culturas e religiões, há dois mundos, dois modos de ser no mundo: um comportamento racional e especulativo e um sentimento de 'pavor', de 'maravilhamento' frente a 'outra coisa' total e radicalmente diferente. Aquilo que se manifesta diferente do cotidiano, do profano, do usual é o hierofano, o mistério, o sagrado, o santo.

Versão original, acesse: <http://anatividade.blogspot.com.br/2009/08/o-espaco-sagrado.html>

2.2 As Religiões Orientam as Vestimentas de seus Adeptos

Todas as religiões, em alguma medida, umas mais outras menos, orientam como seus membros devem se vestir. As vestimentas não são meras roupas e adereços sem função ou possuem sua serventia relacionada à proteção ao corpo ou à obediência das normas sociais de um local visitado ou habitado. As vestimentas orientam toda uma linguagem simbólica em torno dos valores de um grupo e criam um sistema de indeticação de pertencimento, tanto de aspectos socioeconômicos, quanto das funções sociais desempenhadas no espaço social, quanto de uma série de dimensões de **status sociais**.



Fig. 4: Mulheres islâmicas usando Burkas, um tipo de vestimenta sugerido pela Sharia praticada entre os Xiitas, no qual a mulher cobre completamente o corpo.

Fonte: https://metrouk2.files.wordpress.com/2016/12/ad_228289520.jpg?quality=80&strip=all&strip=all



Fig.5: Judeus Ortodoxos com vestimentais característicos, no qual as mulheres também cobrem boa parte do corpo. A imagem é do filme “Preenchendo o Vazio” da cineasta judia Rama Burshtein.

Fonte: https://revistashalom.files.wordpress.com/2013/09/21007481_20130522120643362-r_640_600-b_1_d6d6d6-f.jpg-q_x-xyxx.jpg



Fig.6: Festa das Ayabás, as orixás mulheres no terreiro de Gisele, na Baixada Fluminense. Mulheres do Candomblé também cobrem o copro e o cabelo devido às obrigações religiosas.

Fonte: <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2012/08/24/182805-970x600-1.jpeg>

2.2.1. As roupas cobrem os corpos

O corpo, ou partes dele, podem sofrer algum tipo de interdição em decorrência dos valores constituídos a partir da crença de uma prática religiosa qualquer. Se os corpos serão mostrados ou não e que partes podem ou devem ser cobertas. As vestimentas servem para cobrir estas partes do corpo de acordo com a ética definida pela crença. Se haverá um turbante cobrindo a cabeça, um pano de algodão cru cobrindo o tórax, ou até uma camisa de manga comprida cobrindo os ombros e os braços, possuem uma função de preservação amparada na crença destes adeptos pelo qual a norma recai.

Lembrando que em alguns casos também pode prescrever o contrário: que o adepto esteja nu durante um ritual ou “vestido de céu” como ocorre em alguns rituais de bruxaria moderna.

2.2.2. As roupas possuem formas e cores

Cores e formas, tipos de tecido e estampas são constituídos também com uma função simbólica. Às vezes, as vestimentas têm serventia ritualística, assumindo uma dimensão prática de assessorar as ações dos indivíduos, durante a ação ritualística e por vias da eficácia simbólica. Como é o caso de uma vestimenta branca de um filho de santo na sexta-feira ou uma batina preta entre os padres do catolicismo romano.



Fig.7: Bispo da Diocese Católica, Dom Hélio Adelar Rubert. A vestimenta do bispado possui cores e formas que indicam uma serie de elementos teológicos e estruturais nos procedimentos ritualísticos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Fonte: <http://sn.ieab.org.br/wp-content/uploads/2011/03/Xico-2.jpg>



Fig.8: Os devotos da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON) também usam cores e cortes especiais nas vestimentas para indicar práticas litúrgicas. FONTE: <https://www.agoravale.com.br/GCWAV/Editor/uploaded/Cultura/hare%20.jpg>

2.2.3. As roupas constroem uma mediação

A vestimenta permite ser um constructo material de uma dimensão imaterial e simbólica. Ela possibilita tanto o adepto, quanto as pessoas em uma audiência de um ritual quando a dimensão de sacralização foi observada e aqueles procedimentos seguem a crença no grupo. Trata-se de um processo de legitimação das ações, condicionando a prática enquanto dimensão uma eficácia simbólica (LEVI-STRAUSS, 1983). É assim que um adepto diferencia os trabalhadores do serviço religioso, quem é o sacerdote e quem lhe auxilia.



Fig.9: Os judeus usam o Talit e uma série de elementos relacionados à vestimenta com fins simbólicos, necessários para o serviço religioso. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-4gqxH_9zJC/ThkIzgZDm_I/AAAAAAAAAvE/XcJzjqEUYD0/s1600/Roupas+de+Judeu.jpg



Fig. 10: Os sacerdotes (Chamados “Mestres”) da Igreja Perfect Liberty, uma ramificação do zen-budismo japonês muito expressiva no Brasil. (na foto, em Manaus) usam uma vestimenta diferenciada na ocasião da cerimônia, sem distinção entre homens e mulheres. A vestimenta oficializa a situação ritual que conduzem. Fonte: <https://plmanaus.files.wordpress.com/2012/08/p1080913.jpg>

2.3. As Religiões Orientam as Visões de Mundo de seus Adeptos

As pessoas religiosas enxergam o mundo seguindo os preceitos de realidade prescritos pela moral da religião ao qual são filiados.

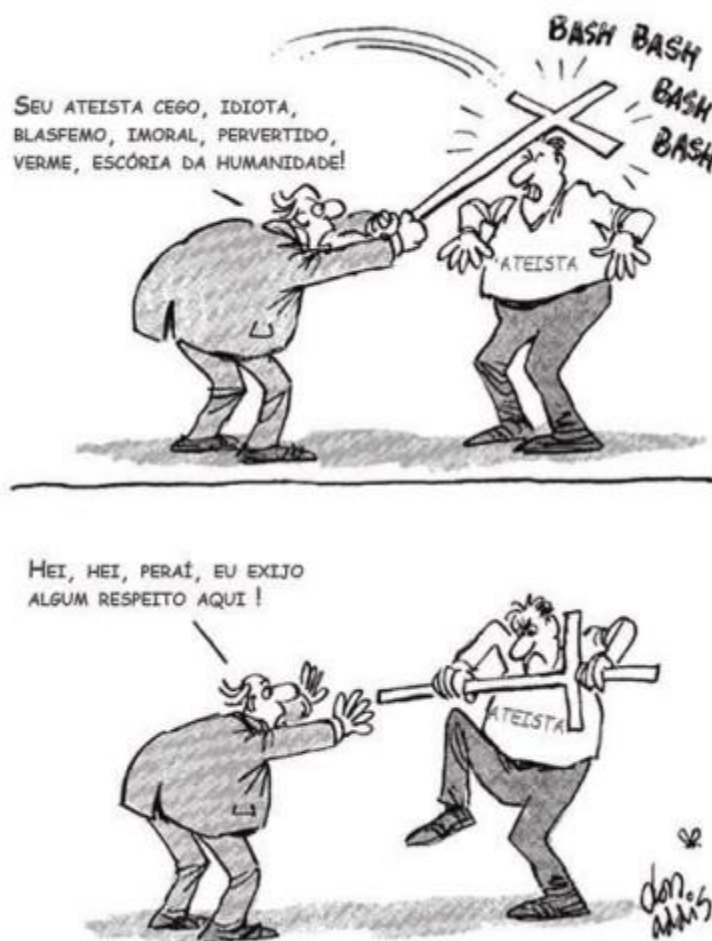


Fig.11: Muitos dos conflitos sociais são motivados por valores religiosos.

Fonte:
https://pedruka.files.wordpress.com/2012/01/ogaaacjmacl7lxs32xpmmihamdwylx8cdvt9q77dq35gp3pfhkab0l8jkfjhyp2ji6gdcw1-qcm6srlmsprlqlqyam1t1ubqa6bly4zek5_fgqv5orcwglhqn.jpg?w=362&h=480

É preciso lembrar que a religiosidade é uma dimensão da cultura. como tal, ela, como disse a antropóloga Ruth Benedict, no clássico *O Crisântemo e a Espada* de 1972 condiciona a maneira como as pessoas enxergam a realidade. em suas palavras: “A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”.

PARA SABER MAIS



“A escritora do livro “O Crisântemo e a Espada”, Ruth Benedict nasceu em 1889 na cidade de Nova Iorque. Em 1919, entrou para graduação na Universidade de Columbia e foi orientanda e aluna de Franz Boas, considerado o pai da antropologia americana, com quem concluiu seu Phd. Ruth também se tornou conhecida pelo livro “Padrões de Cultura”. “O Crisântemo e a Espada” foi escrito, em 1946, no contexto do fim 2ª Guerra Mundial, para entender o pensamento dos japoneses que se negavam à rendição pós guerra”.

Acesse a resenha de Marina Urbieta na Web:

<https://emfocoweb.wordpress.com/2016/06/07/o-crisantemo-e-a-espada-brilhante-e-instigadora-cultura-japonesam/>

A religião é um dos meios - bem eficientes - de condicionar esta visão de mundo. As pessoas só conseguem perceber o mundo por vias dos aspectos elencados pela religião ao qual pertencem. É como um filtro que diz se as coisas são reais ou não.

Para um Kardecista, o mundo é rodeado de espíritos que orientam e tratam as pessoas, procurando ajudá-las (chamados de “luz”) e outros que atrapalham as pessoas mantendo-as presas aos vícios e às más ações (chamados de “obsessores”). Para um Luterano, não existe estes espíritos. Simples assim. A realidade é mutável em torno de suas concepções teológicas.

Obviamente, esta dimensão também está atrelada aos princípios de moralidade e ética que circundam os indivíduos. O que é certo fazer e o que deve ou não ser feito.

PARA REFLETIR



Fonte: <http://www.satirinhas.com/wp-content/uploads/2013/03/satirinhas-religi%C3%A3o-n%C3%A3o-define-car%C3%A1ter.jpg>

A imagem faz um questionamento sobre a ideia de moral sobre o que é certo e errado acerca das mesmas filiações religiosas. Até que ponto uma moral religiosa organiza os valores de seus adeptos? É possível relacionar moral e religião de forma absoluta?

2.4. As Religiões Orientam a alimentação de seus Adeptos

A comida é um dos elementos mais importantes quando falamos de religião. Não há uma única religião que não tenha alguma prática, ritual ou crença associada ao alimento. Ora se produz receitas específicas, ora se proíbe de comer comidas específicas ou até se trabalha para levar comida até outras pessoas.

Nos termos de Durkheim, o alimento é sagrado ou profano; ou ainda, é um meio de acessar o sagrado. Há diversos rituais religiosos que usam alimentos como sistema ritualísticos, das festas de colheitas na antiguidade, das consagração das hóstias no catolicismo, passando pelo Pessach Judaico, até os despachos da quimbanda.

A comida pode ser o meio de purificação do ethos religioso, como ocorre entre os Hare Krishnas ou no santo daime (e me refiro ao chá), onde algumas plantas resguardam dentro de si a energia religiosa ou as propriedades do sagrado.. Às vezes as comidas são símbolos que representam as divindades, como ocorre no candomblé, onde cada Orixá possui uma comida que lhe representa, em sabor, cor e formato.



Fig.12: Nos rituais do Candomblé é comum a presença de comidas cujas receitas são específicas para cada entidade (Santo/Orixá). Na foto, durante um festejo para os filhos de Obaluayê, destaque para a pipoca, um dos seus pratos mais típicos. Fonte: http://farm4.static.flickr.com/3078/2861397505_c6b0530df3_o.jpg



Fig. 13: no Pessach judaico cada tipo de alimento possui uma função simbólica e narra uma história sobre o festejo. O alimento assume neste momento uma função mnemônica, cujas propriedades, aparência, texturas e sabores são simbolicamente associados com o tema da festa. P. ex.: o Maror que é uma Escarola ou raiz forte é uma “erva amarga” que remete ao sofrimento dos judeus escravizados no Egito; O Charosset é uma mistura de nozes, canela, cravo, passas, maçã e vinho tinto que representa a argamassa com a qual os judeus trabalhavam no Egito. Fonte: <http://www.pletz.com/blog/wp-content/uploads/2016/04/keara.jpg>

Muitas vezes a vínculo com o alimento está em não se alimentar. Das restrições a determinados alimentos como ocorre na proibição de ingestão de carne entre algumas tradições do hinduísmo, ou temporalmente, como ocorre entre kardecistas e Umbandistas, quando estão desempenhando alguns serviços religiosos ou rituais; outras vezes não consiste na proibição expressa, mas na forma como são preparados os alimentos como é o *Kashrut* Judaico que proíbe que derivados de leite e de carne estejam em contato.



Fig.14: Judeus ortodoxos segue os princípios do Kashrut, uma lei dietética que os proíbe de comer derivados de leite e carne. Esta proibição atinge até os utensílios que são usados para preparar cada alimento. Fonte: <http://www.nswjbd.org/Images/UserUploadedImages/171/KosherOverview.gif>

2.5. As Religiões Orientam o trato do corpo de seus Adeptos

O corpo também é uma dimensão muito importante para a religião. A maneira de tratá-lo, mostrá-lo ou escondê-lo será determinado pela filiação religiosa e o conjunto de crenças a ela associadas. Os Budistas raspam o cabelo da cabeça como prática associada à fé e à prescrição teológica de suas escrituras, da mesma forma que os Judeus e os **Sihks** deixam os cabelos crescerem. Onde os Judeus aparam os da cabeça, mas deixam os das têmporas sem cortar e os Sihks, fazem justamente o contrário.



Fig.15 – Todos os Sihks devem cobrir seus cabelos como uma obrigação religiosa. Fonte: <http://academic.enmu.edu/rollinsh/pics/rel402/sikh-turban.jpg>



Fig.16 – Judeus devem deixar os cabelos das têmporas crescer devido a um mandamento religioso. Fonte: http://static.getkempt.com/wp-content/uploads/2011/10/HT_6.jpg



Fig.17 – Monges budistas devem raspar o cabelo também devido a uma crença religiosa. Fonte: https://3.bp.blogspot.com/_d3L8psAf20I/TFaMjIksPKI/AAAAAAAAACRw/hEiCf9G7XCg/s1600/Sesshin+de+Julho+2010+590.JPG

Alguns corpos serão tatuados, usarão adornos ou tingimento. Outros serão cobertos por panos, outros ainda, usam cintas ou chicotes em auto-açoite. Se o corpo é preservado ou maltratado é a crença do grupo que vai dizer.

Quando seguimos para os rituais mortuários, esta dimensão que envolve o lidar como corpo é ainda mais explícita. Há religiões que orientam a destruição do corpo, outras que prescrevem sua preservação (Voltaremos a este assunto no próximo capítulo sobre os Rituais).

O corpo de um adepto não é dele e sim de sua crença religiosa.

2.6. As Religiões Orientam a maneira de manifestar a fé de seus Adeptos

Para um adepto não tem liberdade de escolher como manifestar sua fé, ao não ser seguindo aquilo que é prescrito pelo grupo e pelos dogmas da religião. Algumas religiões orientam que o adepto esbraveje e grite, durante horas numa cerimônia; outras que ele dance sem parar, cante (ou recite um mantra durante horas) outras que ele medite em silêncio sem se mexer.

São estas orientações que direcionarão os adeptos para trazer ou buscar outras pessoas para a crença, serem convertidas, por convencimento ou a força ou não aceitar pessoas convertidas ou propagar sua fé.

O **proselitismo** é uma das ações mais impactantes das Religiões na sociedade. A necessidade de divulgar o sistema de crenças e ampliar seu quadro de adeptos, às vezes, a quaisquer custos é muito problemático em alguns contextos sociais e tem sido a razão para diversos conflitos sociais – e até guerras – ao redor do mundo.

2.7. As Religiões Orientam a identidade de seus Adeptos

Acredito que com estes poucos exemplos já possível perceber como as religiões agem sobre os indivíduos. O indivíduo é aquilo que sua religião diz que ele deve ser. Obviamente esta força propulsora não é absoluta e uniforme e nem tão eficiente assim. Os indivíduos conseguem ter algum tipo de autonomia, principalmente quando assumem os cargos e funções que lidam com o sagrado (como no sacerdócio de suas crenças religiosas). E nestes momentos conseguem implementar algum tipo de mudança ou ajuste nas práticas e nas crenças da fé e por isso, que surgem novos movimentos religiosos.

A mudança é algo inerente à dinâmica da sociedade, da cultura e da religião.

Todas as religiões mudam e se adaptam, pois seus adeptos mudam e promovem pequenas mudanças no fazer religioso que terminam se implementando em grandes mudanças nas gerações seguintes, num interminável movimento de vicissitudes.

Quando estas mudanças são aceitas em grande medida pela comunidade, vemos alterações significativas na estrutura de um grupo. Um exemplo bem interessante, para os brasileiros ocorreu com a Assembléia de Deus. Há trinta anos a Assembleia propagava uma avaliação negativa sobre o consumo de programas televisivos. Ter Televisão em casa era tido até como “uma porta para a perdição”, assim como proibia suas mulheres de usar maquiagens e calças compridas. hoje, novas interpretações das escrituras garantiram à Assembleia um canal de produção de televisão, e se permite (ainda de maneira recatada e discreta) que suas adeptas vistam calças compridas e usem maquiagem (se o trabalho exigir, por exemplo.).

2.8. As Religiões precisam de Dinheiro e são os adeptos que o fornecem

Todas as manifestações religiosas existentes usam e pedem dinheiro aos seus adeptos. Não há exceções. Toda e qualquer instituição religiosa precisa pagar pela sua propriedade e as taxas públicas como contas de energia e água, até aluguel quando não tem sede própria.

Produzir vestimentas, utensílios para o serviço religioso, objetos até as coisas do dia-a-dia como cadeiras para as adeptos sentarem ou copos para beber água, precisam ser adquiridas e quem paga a conta são os fiéis.

Há religiões que pedem dinheiro de maneira mais explícita, cobram dízimos, ofertas e recriminam o adepto pela falta de apoio financeiro. É preciso entender que estas práticas são amparadas nos valores que compõe as crenças que deram corpo à religião e integram os indivíduos entre si. Recriminar este tipo de dimensão é apenas se associar à prática **etnocêntrica**.

As religiões que se amparam na **Teologia da Prosperidade** tem sido uma das práticas religiosas que mais sofre com esta discriminação. Quando seus pastores balançam os boletos e máquinas de crédito para colher o dízimo e as ofertas deixam pessoas que pertencem à outros credos muito constrangidas. e este é o ponto importante. Há religiões (e valores, por conseguinte) que tratam o apoio financeiro como algo delicado e constrangedor.

O dinheiro (ou outras formas de apoio erário) são feitos em silêncio e discretamente. Não se exige explicitamente a contribuição. Mas há outras formas de pedir: os quadros de contribuição nos centros espíritas, normalmente afixados na entrada deixam muito claro quem contribui ou não para a produção das sopas e outras campanhas de arrecadação. As taxas de serviço religioso são outras formas de contribuição compulsória, tornando-se um dos principais meios de arrecadação como é caso da Igreja Católica e as taxas de batizado, casamento e serviço fúnebre ou nos terreiros que cobram pequenas taxas para a leitura de búzios ou de centros budistas que cobram taxas de hospedagem/alimentação durante retiros; ou ainda, na venda de livros e incensos entre os devotos da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna ou da Seicho-no-iê. Obviamente este constrangimento sobre o erário é tão forte que às vezes se atribui a cobrança a uma questão secular e prática: pagar o aluguel do espaço o deslocamento do sacerdote, o salário do pessoal da limpeza, etc.

Em outras religiões o dinheiro ele vai ter funções mais amplas que seu uso secular. Ele será usado como objeto litúrgico integrado ao fazer religioso. É o que acontece nos rituais de muitas igrejas neo-pentecostais onde as ofertas de dinheiro se desenvolvem como elementos do ritual religioso de purificação, descarrego ou para obtenção de graças; ou nas contribuições da Perfect Liberty onde a cerimônia de agradecimento, diário ou mensal, prevê a inserção de cédulas de dinheiro em um envelope no meio de uma oração.

ACESSE

Veja as matérias listadas abaixo e reflita sobre como a religião lida com o dinheiro, apontado a perspectiva dos fiéis e as considerações do público que não pertence àquela tradição religiosa.

Missionário R. R. Soares e Bradesco relançam cartão de crédito exclusivo para fiéis da Igreja Internacional da Graça

29 de janeiro de 2014

<https://noticias.gospelmais.com.br/rr-soares-bradesco-cartao-credito-fieis-igreja-graca-64664.html>



A Igreja Internacional da Graça de Deus e o Bradesco buscam clientes e fiéis. De acordo com anúncio no site do banco, o cartão de pagamento oferecido na parceria permite, ao mesmo tempo, fazer pagamentos em até 40 dias, sem juros, e financiar parte das despesas da instituição religiosa liderada pelo comunicador R. R. Soares.

<http://www.portaldotrono.com/bradesco-e-igreja-da-graca-lancam-cartao-de-credito/>

UNIDADE 3:

3. TEORIAS SOCIOLOGICAS SOBRE A RELIGIÃO

3.1. Elementos Sociológicos de um fenômeno religioso

O discurso teórico de Emile Durkheim pode ser sintetizado na célebre obra intitulada: “As Formas Elementares da Vida Religiosa” de 1912 onde Durkheim busca analisar e compreender a religião enquanto fenômeno social ou fato social. Para tanto, defende que este tipo de estudo, sociológico, deve se guiar pelas “formas elementares”. Defende, portanto, que a forma elementar de uma religião não estava no animismo como apontava os estudos de Robertson Smith, mas no sistema totêmico australiano.

De forma geral, o que Durkheim busca defender e comprovar no estudo é que “uma religião é um fato eminentemente social” (DURKHEIM, 1973, p.25), isto é, o social compõe o religioso e vice-versa. Ambos possuem a mesma natureza e composição.

Em seus termos:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos constituem modos de agir que nascem dentro de

grupos constituídos e são destinados a suscitar, conservar e reproduzir tais estados mentais dos próprios grupos. Ora, se as categorias são de origem religiosa, devem compartilhar a natureza comum de todos os fatos religiosos: serem também elas entidades sociais, produtos do pensamento coletivo [...] repleto de elementos sociais. (DURKHEIM, 1996, p.25)

Para Durkheim as religiões procuram estabelecer uma separação antagônica entre o Sagrado e o Profano no qual se apoiam as crenças e os rituais. Além disso, todas as religiões se estruturam em torno de um conjunto de símbolos que não apenas permeiam as relações entre os indivíduos mas também criam um sistema de conduta que regula as práticas e as sanções entre os indivíduos por meio de um sistema de comunicação.

Em sua tentativa de entender a relação entre Religião e Sociedade, Durkheim aponta para três elementos importantes: as crenças, os rituais e o sobrenatural.

3.1.1 Fé ou Crença

Segundo sua definição dicionarística, Fé é “Crença; convicção intensa e persistente em algo abstrato que, para a pessoa que acredita, se torna verdade.” (FÉ, 2009). Fé e crença, podem, em certa medida, ser tratados como sinônimos. A fé é um tipo de crença inabalável ao qual se filia um adepto. é uma verdade incontestável. algo que possui impactos filológicos nos indivíduos, modificando inclusive seu corpo. É uma crença. E o que é uma crença? Crença é algo que se acredita. que se crer. Aquilo que orienta sobre a realidade. Como mostrei nos tópicos anteriores, as religiões possuem crenças em torno de tudo que envolve o indivíduo: do seu corpo, de sua mente, do mundo visível e invisível. enfim, de tudo. a partir do momento que esta crença se estrutura, se desenvolve um processo de aprendizagem que atribui segurança ao indivíduo dizendo e orientando o que ele deve fazer e porque ele deve fazer.

As crenças são princípios normativos que estruturam a vida dos indivíduos. Para os não religiosos o mais próximo de uma crença seria, para propormos uma comparação com fins compreensivos, as explicações da ciência.

A ciência nos diz porque devemos lavar nossas mãos antes de comer, explicando que existem microrganismo que podem nos fazer adoecer se as mãos não forem limpas adequadamente. É uma crença (que a ciência afirma, “cientificamente comprovada” e que não há como ir de encontro). a crença religiosa tem o mesmo poder e eficácia. Ela também é comprovada, pela fé. Pela capacidade de alguém crer e pelos relatos de vivência de outros adeptos que atestar a eficácia dela. A descrença de uns é que torna a fé e a crença, obviamente, ineficaz.

É importante lembrar que a grande maioria das pessoas acredita no que diz a ciência sem realizar os famosos testes científicos comprobatórios. E é por isso mesmo que alguns se rebelam contra ciência, desacreditando sua prescrições e desenvolvem novas crenças, mesmo que frágeis (como a regra dos cinco segundos da comida que cai no chão ou do ditado “o que não mata, engorda!”

É a crença que sustenta o controle que a religião mantém sobre seus adeptos.

3.1.2 Ritual ou Prática

As crenças constituem modos de ver o mundo e possibilitam o fiel/crente a conduzir suas práticas. Todas as crenças perduram e são reavivadas no imaginário dos fieis através da prática de rituais.

Essencialmente os rituais são mecanismos de organização da sociedade. Todo ritual é uma ação que se pratica, repetidamente, com os mesmos objetivos: validar e legitimar as ações de um indivíduo visando integrá-lo à comunidade.

Se os fieis acreditam em determinada coisa qualquer, para que seus atos sejam validados pela própria comunidade, é necessário que estes sigam preceitos, procedimentos, atos, enfim, ações quaisquer que reflitam estes valores. Estas ações instituídas pelo grupo na legitimação de suas crenças é o que chamamos de rituais.

Ao serem repetidos da mesma forma, os rituais buscam possibilitar segurança ao indivíduo na passagem do estado das coisas: entre algo que era impuro para puro, não permitido para permitido, inválido para válido e assim por diante.

Rituais podem ser sagrados ou seculares. Seculares são aqueles do dia-a-dia e vinculados às nossas regras de etiqueta social, por exemplo. Os Sagrados consolidam as ações do indivíduo em relação às suas crenças religiosas.

São os rituais que possibilitam a passagem de status e de reconhecimento do indivíduo. É por isso que boa parte dos rituais são conhecidos como Rituais de Passagem e estão diretamente atrelados aos fenômenos religiosos, como é o caso dos momentos de nascimento, casamento e morte ou da comemoração de festejos sazonais vinculados ao calendário e que se repetem ano após ano.

Os ritos de Passagem são bem significativos para entender o fenômeno religioso. Pois, conforme a crença haverá procedimentos que devem ser seguidos para integrar (nascimento ou casamento) ou desintegrar (morte) os indivíduos.

Assim, praticamente todas as religiões possuem algum ritual que visa integrar um recém nascido à comunidade: o Batizado (catolicismo), a Circuncisão (judaísmo) ou a Imposição do nome (islamismo), só para citar algumas.

Há também rituais que visam mudar o status do indivíduo e prepara-lo para assumir funções e posições na hierarquia social e no serviço religioso. Estes rituais são conhecidos como Ritos de Iniciação.

Estes tipos de rituais são muitas vezes associados à união entre indivíduos ou a preparação deles para assumir determinadas funções na sociedade como o **Bar Mitzvá** no Judaísmo que prepara o infante para ser reconhecido como homem adulto e poder participar (ser integrado) ao **Minian** (o conselho dos homens adultos do grupo que assume diversas obrigações religiosas). Ou ainda os momentos que oficializam a constituição de um sacerdote ou os já conhecidos rituais de casamento, validando a união sexual (e/ou formação familiar) entre os indivíduos.

Ser há rituais que recebem indivíduos no seu nascimento e outros que mudam seu status ao longo da vida, há os que se certificam de sua despedida. Os rituais mortuários são sempre condicionados pela dimensão religiosa e da mesma forma que os anteriores, um indivíduo não nasce, vira adulto ou casa ou morre sem passar pelo ritual que atesta cada um destes estados.

Os rituais mortuários visam garantir a passagem para o pós vida e nos alerta a antropologia, cronometrar o sofrimento dos indivíduos. Assim, mapeiam um passo-a-passo que começa na Agonia, passando pelo Velório, as Exéquias, as Condolências, o Luto, os cuidados com o corpo do defunto e seu culto/lembrança após o enterro.

Cada sistema religioso orienta seus adeptos para o trato com o defunto, explicitando as exigências de como o corpo do morto será tratado. Por isso, todas as religiões desenvolvem um sistema de ritualização com o cadáver. Há religiões que aceleram a destruição do corpo (os parses no Irã, abandonam os cadáveres aos urubus no alto das Dacmas – as torres de silêncio, visando limpar o corpo do defunto); às vezes os corpos são Ocultados (colocados em barcos, troncos de árvores, em jarras ou jogados ao mar); são inumados (quando são enterrados envolvidos em pano como fazem os Judeus e Mulçumanos); Conservados como é amplamente conhecido em relação às práticas do Antigo Egito ou entre as civilizações Maias, Astecas e Incas; Como também, muitas vezes, as religiões destroem o corpo do defunto por meio da cremação (como ocorre entre Xintoístas, Budistas e Hinduístas) ou até mesmo ingerindo-o (como aconteceu entre comunidades indígenas brasileiras e povos no pacífico).

Cada uma destas formas só atesta o sistema de crenças ao qual está vinculado, permitindo que a própria crença se mantenha estável e congregando os indivíduos que se filiaram a ela a partir do momento que repetem sempre os mesmos procedimentos com o mesmo intuito.

3.1.3 Sobrenatural

Todas as religiões, seja por possuírem um sistema de crenças, seja por integrá-los em um sistema de práticas ritualísticas, desenvolve algum tipo de vínculo com elementos sobrenaturais.

As religiões reúnem as pessoas em torno de uma crença e rituais que sustentam estas crenças na tentativa de desenvolver algum sentido na vida (e na pós vida) dos indivíduos. Neste ambiente, estas crenças se desenvolvem sempre na tentativa de compreender um mundo invisível e subjetivo que é nominado de diversas formas.

Este mundo é um mundo que está além da natureza, isto é, além daquilo eu pode ser visto e presenciado. Apenas sentido e desejado. É um mundo que está além dos humanos, e por isso, sobre humano ou sobre o mundo natural, isto é, sobrenatural.

Este sobrenatural pode ser uma deidade, um deus ou vários ou apenas um conjunto de aspectos que expliquem o inexplicável (e por isso além da natureza ou do homem).

PARA EXAMINAR

Na antropologia diversos estudos clássicos visavam entender o fenômeno religioso, entre eles, vale à pena consultar:

“A Cultura Primitiva” de Edward Burnett Tylor (1871)

“Conferências sobre a Religião dos Semitas” de Robertson Smith (1889)

“O Ramo de Ouro” de James G. Frazer (1978)

“Magia, Ciência e Religião” de Bronislaw Malinowski (1948)

“Estrutura e Função na Sociedade Primitiva” de Alfred Radcliffe-Brown (1952)

“Ensaio sobre o Dom” de Marcel Mauss (1925)

3.2 A Economia e o Sistema de Organização

É com Max Weber (2000) que teremos a associação entre o fenômeno religioso e a sociedade cada vez mais explicitado. É Weber que vai defender como houve uma correlação entre um sistema religioso e o desenvolvimento de um sistema econômico com seu famoso livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, de 1905, particularmente ao analisar o ethos do Calvinismo e sua influência sobre um comportamento do adepto que levava não apenas ao acúmulo de capital, mas quando historicamente se associou a um mecanismo de investimento desassociado do mundo sobrenatural e à vida ascética dos monastérios, será responsável pela dinâmica econômica que acelerará o desenvolvimento capitalista.

De certa forma, reforçando o aspecto “social” tão amplamente defendido por Durkheim. Um das grandes contribuições de Max Weber está em apontar um sistema diferenciado de análise do fenômeno religioso. Primeiro de tentar entendê-lo como um sistema dinâmico que influencia e é influenciado pela sociedade. Depois que sua estrutura burocrático – que também é reflexo disso – pode nos apontar informações importantes sobre sua natureza, origens e práticas.

Assim surge uma teoria da organização burocrática das instituições religiosas que toma como ponto de análise o nível de organização, tamanho e origem do grupo. Assim Weber começa a estudar os sistemas de organização de grandes religiões orientais como o confucionismo, o taoísmo, o budismo e o hinduísmo e, por último o judaísmo. Estabelecendo elementos de comparação entre elas.

Sua análise se torna mais frutífera quando começa a estabelecer uma comparação entre as Seitas e as Igrejas protestantes estadunidenses.

Percebe como o sistema de organização de cada uma impõe uma política de comportamento diferenciada sobre os adeptos, levando-os a práticas distintas, não necessariamente relacionadas às crenças, mas aos seus sistemas burocráticos, por decorrência.

As igrejas seriam organizações altamente burocratizadas e hierárquicas. Já as seitas seriam, ao contrário, grupos desburocratizados e com formação mais restrita no contingente de integrantes. E a principal distinção se daria em torno da sua origem: um cisma com grupos maiores, isto é, igrejas. Esta análise é base para se compreender os tipos de comunidades religiosas e seus sistemas de comunicação e interação socioeconômicos mediados, cada um, por um ethos/ética próprio que é influenciado não apenas pelo seu discurso teológico, mas pelo seu sistema de organização social. A estratificação social passa a ser um elemento importante para compreender a dinâmica da religião na sociedade.

Posteriormente, inclusive, vai explicitar como estes sistemas também estão relacionados ao tipo de poder/dominação que seus líderes exercem na comunidade, utilizando para tanto, seus estudos sobre o poder carismático, sempre no mesmo aspecto recorrente: a relação entre economia e religião.

Os estudos sobre racionalização do mundo e das ações dos indivíduos, promovidos por Weber, o levarão a defender que até mesmo as religiões (afinal são produtos sociais!) estarão sujeitas ao mesmo processo de racionalização. Para tanto esclarece que os movimentos religiosos estarão submetidos a um processo de Secularização. “Por secularização, entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p.119). Entretanto, justamente por ser um fenômeno global, a relação entre secularização e religiosidade provocará, em decorrência, um “desancamento do mundo”. Este desencantamento torna os movimentos religiosos cada vez mais racionais, mesmo lidando com o mundo sobrenatural. Trata-se de uma racionalização do mundo exotérico.

UNIDADE 4:

4. TOLERÂNCIA, INTOLERÂNCIA E O ETHOS RELIGIOSO

Historicamente, um dos principais problemas encontrados pelas instituições religiosas e pelos praticantes de um credo religioso estiveram, de uma maneira ou de outra, relacionado aos conflitos sociais – muitas vezes com implicações físicas – e ao confronto inerente de ideias, valores e crenças que, devido à sua própria natureza colocam as pessoas em choque, em pontos de vista antagônicos, onde bem e mal, benfeitora e malefício, estão em posições díspares e divergentes.

A convivência plural motivada pelo fluxo de pessoas – além dos processos de mudança já conhecidos, tais como comércio, migração e contatos Interétnicos, provocou um contínuo processo dialógico de valores e ideias. Às vezes, tratado como cultura, alegoria, curiosidade e literatura de entretenimento, e portanto, bem recebido, mesmo que com descaso. Outras, visto como perigoso, poluído, blasfemo, e, portanto, impedido, vetado e passível de expurgo.

A convivência com a diversidade vem exigindo, de maneira constante, que os indivíduos saibam conter e redirecionar seus valores e ideias, principalmente, quando estes entram em choque com outras ideias que não pressupõe o debate ou a discussão.

Vejam bem, a natureza dos valores religiosos pressupõe uma crença. Crer em algo, não é contestá-lo, discuti-lo ou identificar suas fraquezas e fragilidades argumentativas ou racionais.

Crer é acreditar. Crer é ter fé. Um tipo de valor que se pressupõe inabalável ou em outros termos, quanto maior a crença de um indivíduo, maior será sua fé. E maiores serão suas recompensas teológicas. Faz parte da fé, portanto, a não contestação. Faz parte de sua essência a completa e irrestrita absolvição daquilo que é professado e defendido. É claro que sabemos que quando se contesta bases ou aspectos destas crenças – sejam quais forem os motivos – se fragiliza fé dos crentes, impulsionando-os à novas crenças – e a uma nova fé. É este movimento que faz com que novas religiões surjam e que as cismas reorganizem os indivíduos em pequenas divergências mitológicas, ritualísticas ou teológicas acerca de como manifestar a fé e seus sentidos e razões de ser.

Sendo assim, ser membro de um grupo religioso, pressupõe aceitar as crenças que o compõe enquanto *ethos* religiosos. Significa, sobretudo, se filiar a um conjunto de preceitos e máximas aceites pela comunidade e que motivaram o processo de aproximação deste indivíduo ao grupo. Há uma força uníssona e convergente entre o conjunto de crenças reunidas por uma comunidade de crentes, fiéis à crença e novos crentes que acreditam e compartilham dos mesmos valores e ideias que motivaram a filiação.

Se esta filiação *ad referendum* ocorre, se pressupõe que este fiel aceitará, incontestemente, todos os preceitos assim instituídos, rejeitando quaisquer outros divergentes desta fé ao qual se aderiu.

Portanto, ser membro de um grupo religioso é aceitar uma crença em detrimento de outras que atestem modos e processos diferentes e, principalmente, se proteger daquelas que afirmam ideias antagônicas.

É verdade que há diversas religiões que têm uma tendência ao diálogo ou ao trânsito intermitente entre práticas religiosas ou ainda, a não exclusividade do fiel neste processo de filiação. Entretanto, se desconsidera que este processo só é percebido quando co-relacionamos religiões cuja natureza estruturante é distante. Seria o caso do Budismo em relação ao Cristianismo. Não impedimento para o Budismo de que um cristão também pratique o Cristianismo, apesar que o contrário não é verdadeiro. O Budismo tem uma dimensão pragmática que suplanta a dimensão tanatológica do Cristianismo permitindo um certo diálogo e um trânsito entre as práticas - apesar que num único sentido. Porém esta natureza receptiva do Budismo não acomete suas próprias variações endógenas. Assim, o Budismo Terra Pura e o Zen-budismo são práticas conflitantes, que por mais que ambas as naturezas sejam dialogizantes com outras profissões de fé, se antagonizam entre si, não permitindo que haja o mesmo fluxo intermitente de um praticante entre suas instituições (como ocorre com o Catolicismo).

Existe algo que se manifesta na prática religiosa que permite ou não seus membros aceitar ou suportar ideias diferentes ou divergentes sem que isso impacte seus sistemas de fé e crença. A capacidade de suportar essências diferentes sem que estas dissolvam ou flagelam a crença (e a fé) dos adeptos é que se tem chamado de tolerância.

Segundo o Dicionário, tolerar é: “[...] é o ato de agir com condescendência e aceitação perante algo que não se quer ou que não se pode impedir.” (SIGNIFICADO..., 2017, [s.p.]), e ainda:

[...] aceitar ou suportar, com indulgência; clemência. Disposição para admitir modos de pensar, de agir e de sentir diferentes dos nossos. Liberação de uma regra, preceito, norma; [...] Favor feito a alguém em determinadas circunstâncias [...] Propriedade do organismo de aceitar, sem dano, certas substâncias. (TOLERÂNCIA, 2017, [s.p.]).

Todas as definições de tolerância pressupõe o uso de outras palavras com sentidos proximais. Discuto, a seguir, duas delas: “suportar” e “condescendência”.

Suportar. Segundo o dicionário: “Resistir; aguentar algo doloroso; manter-se firme diante de uma situação desfavorável [...] aceitar sem se opor; [...] Ter capacidade para transportar ou segurar; [...] Aturar-se; ter um convívio pacífico” (SUPORTAR, 2017, [s.p.]). Se tolerar pressupõe suportar, parte-se da ideia de que ao se tolerar, deve-se, “aceitar sem se opor” e “aguentar algo doloroso”. Quando um fiel se depara com uma crença divergente da sua, deveria, portanto, aguentar a dor, o incômodo e a angústia de não contesta-la. Entretanto, este movimento é o mais caro ao processo. pois crer, implica em aceitação irrestrita.

O que se ignora nesta ambientação é que muitas das crenças foram instituídas por vias do sacrifício de seus fiéis ao sustentar uma nova crença em meio às crenças dominantes, na maioria das vezes, de forma conflitante. Não nos esqueçamos dos significados primevos envolvendo o verbete “religião”, do latim, religare. unir, ligar, religar. A religião une as pessoas em torno de uma crença, logo, crenças díspares não unem as pessoas, separam-nas. muitas das imposições de crenças visam unificar as pessoas em torno de uma único ideal, catalizador de seus processos e formas de conduta. Então, como unir pessoas que acreditam em coisas diferentes? ou pior, como aceitar uma crença sem desacreditar a outra?

Haja vista que o caminho mais natural na aceção de uma ou outra é justamente a dicotomia cujos estados de veracidade pressupõe uma coisa ou outra, nunca um entremeio (e mesmo aquelas que atuam nesta posição, são rechaçadas, como é o caso do Budismo).

É quando nos deparamos com a segunda referência à tolerância: a condescendência. Segundo o dicionário: “Que cede às vontades, às opiniões alheias ainda que não sejam coerentes com seus próprios princípios [...] Característica de algo ou de alguém que possui flexibilidade; [...] Pessoa que renuncia aos bons princípios ou a outros valores na avaliação de algo ou de alguém; [...] Característica de quem demonstra certa superioridade ou desdém diante do outro ou de alguma coisa.” (CONDESCENDENTE, 2017, [s.p.]).

Ser condescendente é ceder o poder ao outro. é ser flexível e manifestar a principal característica da boa convivência: a capacidade de dialogar sem se impor.

Percebam, entretanto, que as definições vinculadas à condescendência são mais negativas em seus sentidos que àquelas do suportar. A condescendência pressupõe, portanto, se preocupar mais com os outros que consigo mesmo. implica na renúncia momentânea e não definitiva dos valores e ideias visando a cooperação (como acomodação) para evitar o conflito.

Ser condescendente é entender que o outro é de alguma forma incapaz de entender ou lidar com a divergência sem que tal processo não provoque uma ruptura de seus valores. Por isso, seu último sentido, pressupõe um certo desdém de superioridade em relação ao outro.

A grande questão é: é possível manifestar a fé e a crença num ambiente de tolerância em meio à diversidade religiosa?

Ser condescendente é entender a si mesmo e ao próximo. Não há fé mais forte que aquela que se sustenta em meio à adversidade, mostrando para outros fiéis que é possível “andar sobre o fogo sem se queimar”. A fé inabalável é aquela que se mantém íntegra, mesmo quando permite que o outro exponha ou se manifeste em contrário.



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 114, DE 1997

Dispõe sobre a ação civil destinada ao cumprimento da obrigação de fazer ou de não fazer, para a apresentação de honra e dignidade de grupos raciais, étnicos e religiosos.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O Ministério Público promoverá ação civil com o objetivo de impor obrigação de fazer, ou não fazer, com as finalidades de:

I – evitar ou interromper atos danosos à honra ou à dignidade de grupos raciais, étnicos ou religiosos; e

II – obter a reparação dos mesmos atos, quando não evitados.

Parágrafo único. Confere-se legitimidade subsidiária, em caso de omissão do Ministério Público, à sociedade civil que:

I – esteja constituída há pelo menos um ano nos termos da lei civil; ou

II – inclua entre as suas finalidades institucionais a proteção ou defesa dos interesses de grupos raciais, étnicos ou religiosos;

§ 1º O Ministério Público, se não intervier no processo como parte, atuará obrigatoriamente como fiscal da lei.

§ 2º É facultado a outras sociedades civis ou associações, de mesma natureza das legitimadas, habilitarem-se como litisconsortes de qualquer das partes.

§ 3º Em caso de desistência ou abandono da ação por sociedade ou associação legitimada, o Ministério Público a substituirá processualmente.

Art. 2º Convencendo-se o juiz da procedência da ação, concederá a antecipação total ou parcial da tutela, antes de ouvir a outra parte.

Art. 3º Qualquer pessoa poderá, e o servidor público deverá, provocar a iniciativa do Ministério Público, ministrando-lhe informações sobre os fatos objeto da ação civil prevista nesta lei e indicando-lhe os respectivos elementos de convicção.

Art. 4º Para instruir a petição inicial da ação civil, o autor poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que lhe serão fornecidas no prazo máximo de quinze dias.

Art. 5º Na ação civil que tenha por objeto a obrigação de fazer ou de não fazer, o juiz determinará o cumprimento da prestação de atividades ou da cessação da atividade nociva, sob cominação de multa diária, independentemente do requerimento do autor.

§ 1º a multa será devida a partir do dia em que se configurar o descumprimento da determinação judicial.

§ 2º O valor da multa poderá ser elevado até o triplo do, fixado pelo máximo, não se alterar o comportamento do réu.

Art. 6º O juiz, ao examinar o mérito, fixará o valor da reparação, considerada a extensão dos danos, desde que requerido na inicial da ação civil.

Art. 7º Os créditos favoráveis ao autor, decorrentes de sucumbência, excluídos os honorários advocatícios e de peritos, reverterão a fundo de defesa e combate ao racismo, a ser criado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos.

Parágrafo único. O fundo de defesa e combate ao racismo será instituído em até doze meses a contar da data da publicação desta Lei.

SAIBA MAIS

COMO AGIR



No caso de discriminação religiosa, a vítima deve ligar para a Central de Denúncias (Disque 100) da Secretaria de Direitos Humanos.



Também deve procurar uma delegacia de polícia e registrar a ocorrência. O delegado tem o dever de instaurar inquérito, colher provas e enviar o relatório para o Judiciário. A partir daí terá início o processo penal.



Em caso de agressão física, a vítima não deve limpar ferimentos nem trocar de roupas — já que esses fatores constituem provas da agressão — e precisa exigir a realização de exame de corpo de delito.



Se a ofensa ocorrer em templos, terreiros, na casa da vítima, o local deve ser deixado da maneira como ficou para facilitar e legitimar a investigação das autoridades competentes.



Todos os tipos de delegacia têm o dever de averiguar casos dessa natureza, mas em alguns estados há também delegacias especializadas. Em São Paulo, por exemplo, existe a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância.

Fonte: Senado.org

PARA REFLETIR

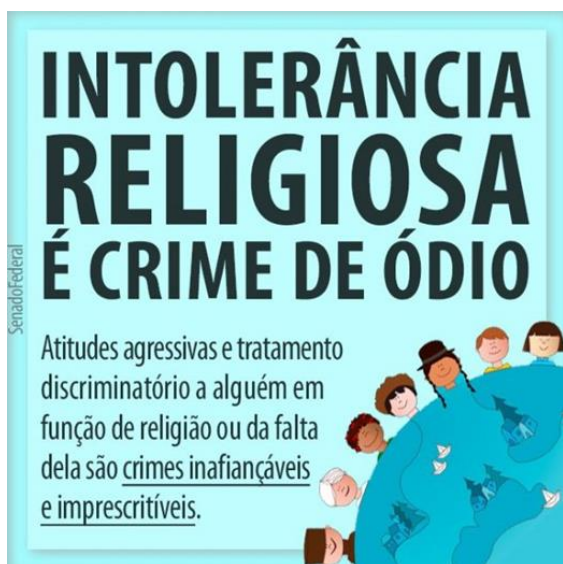
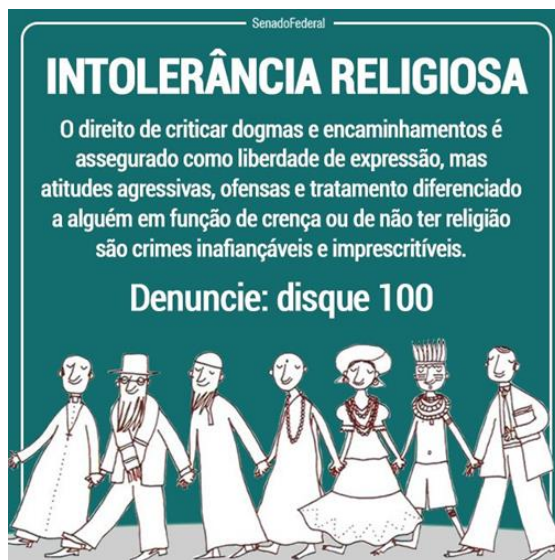


Fonte: <https://s-media-cache-lak0.pinimg.com/originals/a7/87/79/a7877924b1035f0c50a2b38eecd6a65.jpg>

EXERCÍCIO

Veja estas campanhas do Senado Federal Brasileiro sobre a intolerância e analise o discurso e a composição das imagens:





REFERÊNCIAS

- BERGER, P. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. 4ª ed., São Paulo: Paulus, 2003.
- CONDESCENDENTE. Dicio - Dicionário Online de Português. 2009-2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/condescendente/> . Acessado em: 05 set. 2017.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FÉ. DICIO. Dicionário Online de Português. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fe/>. Acessado em: 23 fev. 2017.
- LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural II*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ROLIM, F. C. *Dicotomias Religiosas: Ensaio de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SIGNIFICADO de Tolerância. Significados. 2011-2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/tolerancia/>. Acessado em: 05 set. 2017.
- SUPORTAR. Dicio - Dicionário Online de Português. 2009-2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/suportar/>. Acessado em: 05 set. 2017.
- TOLERÂNCIA. Dicio - Dicionário Online de Português. 2009-2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tolerancia/> . Acessado em: 05 set. 2017.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2000.
- WILKINSON, P. *Guia Ilustrado Zahar: Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

